



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS ERECHIM  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**JANRRIÊ LEONARDO CARMINATTI**

**TRADIÇÃO INVENTADA  
A MITIFICAÇÃO DO GAÚCHO EM ERECHIM DE 1964 À 1985**

**ERECHIM  
2014**

**JANRRIÊ LEONARDO CARMINATTI**

**TRADIÇÃO INVENTADA**  
**A MITIFICAÇÃO DO GAÚCHO EM ERECHIM DE 1964 A 1985**

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado como requisito para obtenção de grau de  
licenciado em História da Universidade Federal da  
Fronteira Sul

Orientador: Prof. Dr. Emerson Neves da Silva

**ERECHIM**

**2014**

**DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação**

Carminatti, Janriê Leonardo  
Tradição Inventada: A Mitificação do Gaúcho em  
Erechim de 1964 à 1985/ Janriê Leonardo Carminatti. --  
2014.  
45 f.

Orientador: Emerson Neves da Silva.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de História  
, Erechim, RS , 2014.

1. Tradição. 2. Regionalismo. 3. Cultura. 4.  
Folclore. I. Silva, Emerson Neves da, orient. II.  
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

**JANRRIÊ LEONARDO CARMINATTI**

**TRADIÇÃO INVENTADA**

**A MITIFICAÇÃO DO GAÚCHO EM ERECHIM DE 1964 À 1985**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul

Orientador: Prof. Dr. Emerson Neves da Silva

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 18/11/2014

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Emerson Neves da Silva

Prof.<sup>a</sup> Dra. Isabel Rosa Gritti

Prof. Dr. Gerson Egas Severo

Dedico a meus pais Ademir e Marli, a minha irmã  
Maiara, e a minha namorada Amanda.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Professor Dr. Emerson Neves da Silva, pelo apoio e acompanhamento correspondente a este trabalho.

Aos demais professores do curso de Licenciatura em História cujas disciplinas tive a possibilidade de frequentar e participar dos debates sobre ideias que foram fundamentais para a realização deste trabalho. Desse modo, não poderia deixar de mencionar os seus nomes: Prof.<sup>a</sup> Débora, Prof.<sup>a</sup> Isabel, Prof. Gerson Fraga, Prof. Gerson Severo, Prof. Paulo, Prof. Fabio, Prof. Mairon.

Ao colega e amigo Henrique Trizoto, administrador do Arquivo Histórico Juarez Miguel Illa Font que se preocupou em atender às diversas solicitações, em busca de documentos e registros, que se fizeram necessárias para a realização desta pesquisa.

E, por fim, mas não menos importante, agradeço aos meus familiares. Ao meu pai, por incentivar os estudos de graduação enquanto processo de formação profissional e cultural, sendo este trabalho causa e consequência disto. À minha mãe, por fornecer apoio incondicional desde o vestibular para uma profissão incerta e ainda sem prestígio social, até o processo de doutrinação ao ler os trabalhos. A minha irmã, que me assessorou em inúmeros processos pedagógicos, me repassando diversos conhecimentos de uma sala de aula. Desejo que este trabalho seja também uma retribuição do depósito de amor e confiança de ambos em todos os tempos.

À Amanda que, mais do que uma namorada, é também uma amiga e companheira, a qual une capacidade intelectual aos mais nobres sentimentos humanos, participando e contribuindo intensamente com minha vida social e pessoal como também minha carreira profissional.

## RESUMO

O presente trabalho busca fazer um revisionismo na historiografia oficial do estado do Rio Grande do Sul, trazendo à tona a questão da Revolução Farroupilha e seus líderes principais, confirmando que esta é uma tradição inventada, assim como a concepção de heróis não se enquadra aos líderes farrapos. Fazendo uma análise da mídia oficial da cidade de Erechim, no recorte temporal de 1964 à 1985, durante o período da ditadura militar brasileira, ficando perceptível que o governo ditatorial utilizou o jornal A Voz da Serra, como fomentador dessa tradição inventada, para obter o apoio da população, assim como também padronizá-la de acordo com seus ideais.

Palavras-chave: Revolução Farroupilha. Tradição Inventada. Padronização social. Ditadura militar brasileira.

## **ABSTRACT**

This study aims to make an official history revisionism in the state of Rio Grande do Sul, which raises the question of the Farroupilha Revolution and its key leaders , confirming that this is an invented tradition, as well as the design of heroes does not fit the leaders farrapos. Making an analysis of official media city Erechim, the time frame from 1964 to 1985, during the Brazilian military dictatorship, becoming noticeable that the dictatorial government used the newspaper the A Voz Da Serra, as developers invented this tradition to get the support of the population, as well as standardize it according to their ideals.

Keywords: Revolution Farroupilha. Invented tradition. Social patterning. Brazilian military dictatorship.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 HISTORIOGRAFIA OFICIAL DO RIO GRANDE DO SUL.....</b>	<b>12</b>
<b>3 TRADIÇÃO INVENTADA.....</b>	<b>23</b>
<b>4 O MITO FARROUPILHA EM ERECHIM.....</b>	<b>32</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade atual, contemporânea, vem sofrendo continuas e significativas alterações em todos os seus setores. Tais alterações são historicamente rápidas, e nos afetam social, econômica e culturalmente, transformando o modo de pensar, de agir e interagir da comunidade atual.

O ser humano obteve importantes avanços tecnológicos, que possibilitaram uma reescrita de sua origem, desvencilhando-a dos mitos, que estavam até então presentes na vida do homem. Por muito tempo os mitos foram utilizados para se obter respostas a perguntas às quais raça humana não conseguia compreender. Entretanto segundo Eric Hobsbawn, a maioria destes mitos é referenciado a um mesmo modelo de história, com protagonistas heróis e batalhas épicas, que possibilitam a criação de um culto a essa história, gerando assim uma tradição.

A tradição é o evento que possui a linha contínua que delimita o comportamento social e as interações com os demais elementos da sociedade. Tal evento que é inalterável em seus princípios básicos, mas que pode sim, sofrer alterações que se adaptem a novos sistemas sociais, porém Hobsbawn afirma que a maior parte das tradições presentificadas na sociedade contemporânea, são invenções.

Inventos provenientes de indivíduos da classe dominante da sociedade, que buscam dar vida a um passado apropriado, de acordo com seus princípios ideológicos, fomentando assim uma tradição inventada, com heróis baseados em tais princípios, e posteriormente uma sociedade crente nos acontecimentos realizados pelos mesmos, culminando em uma sociedade padronizada. A padronização social é conservadora, e persiste durante o passar do tempo, tendo como pilar a tradição imposta e aceita pela comunidade. Além de ser conservadora é um instrumento de angariar apoio popular a entidades dominadoras, como o governo.

No estado do Rio Grande do Sul, temos a tradição da Semana Farroupilha, uma tradição onde nossos antepassados lutaram por durante 10 anos contra o governo imperial brasileiro, por direitos e ideais de liberdade e igualdade. Tal acontecimento é exaltado e reverenciado pela população rio-grandense durante o mês de setembro de cada ano, é a homenagem ao aniversário da proclamação da

Republica Federativa do Rio Grande Sul, sendo a maior data festiva de nosso estado.

Como sendo o acontecimento mais festejado da historiografia do Rio Grande do Sul, acredito que tenha inúmeras formas de apresentação, dependendo do contexto histórico e temporal que esta vinculada. Neste trabalho irei apresentar a visão historiográfica oficial, sobre o acontecimento da Revolução Farroupilha, assim também como a apresentação seguindo a mesma visão do indivíduo, Bento Gonçalves da Silva, exaltado como símbolo desta guerra. Fazendo uma relação com o momento histórico brasileiro, da Ditadura Militar, na cidade de Erechim, e como este sistema governamental se utilizou dessa exaltação farrapa. Onde busco provar meu imaginário, de que a Revolução Farroupilha é uma tradição inventada, ou não, e foi sumariamente utilizada pelo governo militar, para buscar seguidores e apoiadores, padronizando a sociedade através da mídia jornalera, Jornal Voz da Serra, na cidade de Erechim.

## 2 HISTORIOGRAFIA OFICIAL DO RIO GRANDE DO SUL

No decorrer do século XVI foram verificadas as primeiras correntes de penetração no território rio-grandense, que se tornou área de enfrentamento de bandeirantes e jesuítas que disputavam entre si a posse da mão de obra indígena. Com os constantes ataques dos bandeirantes os padres jesuítas desceram e penetraram em território rio-grandense em 1626, porém em 1640 registrou-se o combate final, resultando no abandono jesuítico da área e no apresamento de muitos índios. Os bandeirantes não desceram mais ao sul, uma vez que terminou o domínio espanhol, e os portugueses conseguiram expulsar os holandeses da África, e restabelecer a normalidade do tráfico negreiro para o Brasil (desativando a caça ao índio).

Os jesuítas por sua vez se retiraram com os índios do território rio-grandense, abandonando por ali grandes quantidades de gado que criavam nas reduções. Deixados libertos ao campo, estes rebanhos tornaram-se bravios e formaram na região uma grande reserva de gado.

“Estava lançado o fundamento econômico básico de apropriação da terra tal como ela se daria na passagem do século XVII para o século XVIII: a “preia” do gado selvagem, chamado “xucro” ou “chimarrão”.”( PESAVENTO, Sandra Jatahy, 1985, p. 18).

Inicialmente começou-se uma atividade de caráter predatório, onde se caçava o gado para retirar o couro, que era exportado para a Europa, sendo diversos grupos culturais que faziam a caça ao gado, desde índios guaranis até companhias inglesas, povos jesuítas (novamente instalados no território) <sup>1</sup> como também colonos de Santa Fé, Corrientes e Buenos Aires (estes que obtinham licença das autoridades castelhanas para negociar couro). Começou também outra forma de caça, a caça para venda, esta era realizada inicialmente por paulistas e lagunistas, que vinham buscar gado para vender como transporte de carga na região das minas.

---

<sup>1</sup> Segundo Pesavento a pressão dos bandeirantes não pôs fim à presença dos jesuítas na margem oriental do rio Uruguai. Retornaram os religiosos cinquenta anos depois do êxodo, atraídos pelas disponibilidades econômicas da região, sobretudo pelo gado. Inaugurou-se, na volta ao território perdido, a segunda fase da penetração jesuítica, que na realidade só terminou com a fulminante ação militar de 1801, precedida de longas e indecisas ações diplomáticas, a qual incorporou definitivamente a região ao Rio Grande do Sul.

Toda essa atividade predatória ocasionou uma devastação nos rebanhos, tornando necessário que se pusesse um fim nesta atividade, e que se cuidasse de uma reposição dos animais. Ai se da novamente o interesse da Coroa e dos particulares, tropeiros bem sucedidos que buscavam aumentar seu patrimônio, investiam na criação de gado, e reivindicavam terras para si, para poder estabelecer suas estâncias. Por sua vez a Coroa, encontrou na distribuição de terras no sul a possibilidade de manter seguro seu comercio no Prata, e também, povoar o território.<sup>2</sup>Assim, por volta, da terceira década do século XVIII, passou a definir-se legalmente a posse da terra, pela distribuição e concessão de sesmarias para a criação de gado.

Porém foi no final do século XVIII que a decadência da mineração fez com que a demanda de compra de gado do sul diminuísse drasticamente, mesmo assim, a economia sulina continuava forte e operante em outros produtos: o trigo e o charque. Com estes dois novos produtos na economia sulina, o Rio Grande consolidou seu papel na economia brasileira: abastecedor do mercado interno. O trigo era cultivado para comércio interno, porém se obtendo um excedente se dava a comercialização para o restante do Brasil e o charque, produção de escala comercial, destinado a exportação para o restante do país, onde o charque era utilizado para alimentar os escravos.

Com a produção do charque, era necessário um maior capital, necessitava manter uma estância e um bando armado para defender território e o gado dos ladrões, assim como despesas de mão de obra escrava, intensificando no sul as relações escravistas.

Ao iniciar o século XIX, o Rio Grande do Sul tinha definido o seu perfil básico: uma econômica mercantilizada e fornecedora do mercado interno brasileiro e uma sociedade militarizada que se forjava nas lutas contínuas com os castelhanos. (PESAVENTO, 1985, p.23)

No final do século XVIII, o charque levou ao enriquecimento dos senhores de terra, ocasionando um agravamento nos ponto de atrito entre estes e a Coroa. O governo começou a ser pressionado por famílias enriquecidas, que clamavam por mais poder e autoridade para si. A política de redistribuição de terra de 1780 causou

---

<sup>2</sup> Segundo Pesavento, tropeiros bem sucedidos no comércio de gado, reivindicavam terras para si, com o intuito de criar gado estabelecendo estâncias e maior lucratividade, por outro lado a Coroa via nesse movimento de distribuição de terras seguridade de manter o território ocupado e garantir lucratividade no comércio no prata. (PESAVENTO, p. 21)

também grande descontentamento, porém a Coroa nada podia fazer contra a os senhores de terra, que tomavam outras sesmarias menores, pois estavam dependentes destes com seu poderio militar defensor das fronteiras sulinas, sendo obrigada a fazer vista grossa aos abusos.

Juntamente com essa política se dá a crise dos saladeiros, produtores de charque, de outras regiões que começaram a disputar com o Rio Grande do Sul, o abastecimento interno brasileiro. Uma política de livre comércio mantinha esta concorrência acirrada, e os saladeiros conseguiram erguer uma exportação crescente.

Foi concedida então a isenção de direitos de importação sobre o sal de Cádiz, insumo que era fundamental para a produção do charque, e pelas Reais Ordens 10.4.1793 e 20.12.1892, que estabeleceram a isenção dos direitos de exportação sobre as carnes salgadas, buscando beneficiar a economia de importação platina.

“A motivação básica do agravamento das relações do Rio Grande com o centro e que teve o desenlace de um conflito armado foi o sentimento generalizado, por parte da camada dominante local, contra o que qualificavam de “opressão da Corte sobre o Rio Grande”.

Esta opressão era sentida tanto no plano econômico quanto político, mas o entendimento e a visualização dessa opressão, por parte das camadas dominantes locais, se davam através da ótica política. “Tal compreensão se justifica na medida em que se considera que instância política é o nível privilegiado de cristalização dos conflitos e exteriorização dos problemas que se expressam em termos de enfretamento do poder.” (PESAVENTO, 1985, p.42-43)

Tais conflitos, e o constante estado de guerra, mais uma população militarizada, e o descontentamento com a constituição centralizadora imperial de 1824, mais o ato adicional de 12 de agosto de 1834, e a conscientização de uma situação opressiva sobre a província, também como as altas taxas alfandegárias e impostos recolhidos pelo governo central, e por fim pela concorrência “autorizada” do charque argentino no mercado brasileiro levou a eclosão em 1835 da Revolução Farroupilha, porém ainda se diverge do incidente que causou essa eclosão, o mais apresentado é que no momento da inauguração da primeira Assembléia Legislativa Provincial, o presidente Fernandes Braga e o comandante de Armas Sebastião Barreto Pereira Pinto, acusam Bento Gonçalves de conivência com caudilhos, e também de professar idéias republicanas.

E foi na noite do dia 20 de setembro de 1835, que houve a invasão de Porto Alegre por tropas farrapas, e se deu início oficialmente a guerra dos dez anos, a

mais longa das rebeliões regenciais e que manteve luta armada contra as forças imperiais.

Por ser um local fronteiriço, propício ao comércio, o Rio Grande do Sul, atrai indivíduos oriundos de diversas localidades brasileiras, e também estrangeiras. Com toda essa diversidade social, a elite sulina se formou com um perfil próprio, um tanto quanto diferenciado das elites brasileiras. Estancieiros, charqueadores, militares, comerciantes e sacerdotes, esta era a classe elitizada da sociedade sulina, embora fossem poucos os nascidos em solo rio-grandense, unidos por laços econômicos/políticos/territoriais.

“A Revolução Farroupilha (1835-1845) surgiu como fruto dos interesses econômicos e políticos pertencentes à elite da campanha rio-grandense, que, por vínculos e crenças políticas, defender um projeto político que teve no federalismo sua bandeira” (PADOIN, 2006, p.40)

Maria Medianeira Padoin também nos coloca que é importante lembrar que a elite sulina, farrapa, era concebida em dois grupos políticos diferenciados, o da maioria e da minoria. O grupo da maioria, dirigido por Bento Gonçalves, Antônio de Souza neto, Mariano de Matos, e Domingos José de Almeida, defendiam ideais fundamentais do liberalismo e no Direito das Gentes, (tais ideais eram divulgados/aprendidos em aulas privadas, sociedades secretas, maçonaria, seminários, universidades, e publicações que eram muito intensas no século XIX, também como sua distribuição e circulação), que se baseavam na organização de um Estado independente e republicano, que poderia se unir ao Brasil, ou a algumas províncias vizinhas, através de uma federação, ou seja, uma confederação.

O grupo da minoria, era reformista, pois também defendia um projeto federalista, porém de um federalismo apenas como uma descentralização administrativa. Tal grupo era representado por David Canabarro e Vicente da Fontoura, e esteve pouco tempo a no comando dos farrapos, somente no fim da guerra, a partir de 1843 (foram estes que coordenaram o acordo de Paz de Ponche Verde).

A inabilidade da Regência na indicação de um presidente de província, aliada ao grande nível de tensão já presente na sociedade rio-grandense, fez com que o

movimento farroupilha tivesse continuidade<sup>3</sup>. Segundo Pesavento, e de 1836 a 1839 houve um avanço das forças farroupilhas, marcado pela tomada de Pelotas, Rio Pardo e Piratini, em 11 de setembro de 1836, no campo de Seival, uma importante batalha foi ganha pelos farrapos, e ainda em campo o General Antônio de Souza Neto proclamou a república, sendo este ato reconhecido por uma série de Conselhos Municipais da região da Campanha. Porém neste mesmo tempo os revoltosos perderam Porto Alegre, e também durante a batalha da Ilha de Fanfa, Bento Gonçalves foi preso e levado para o forte da Laje em Salvador.

Bento Gonçalves no cárcere, foi nomeado presidente da República Rio-grandense, esta que marcou sua capital como Piratini. Bento consegue fugir da prisão em 1837<sup>4</sup>, assumindo a presidência. Ainda nesse período de tempo, é proclamado a República Juliana, uma vez que Garibaldi e Davi Canabarro efetuam invasão ao estado de Santa Catarina, onde hoje é a cidade de Laguna e a proclamam.

O discurso farroupilha e o arrolamento de suas motivações para a revolta colocam em cena a questão do ideário dos rebeldes, ou dos princípios em nome dos quais diziam agir.

Nesse sentido, a elite revolucionária gaúcha realizou um endosso seletivo das idéias liberais em voga na época na Europa e no Brasil, adaptando-as aos interesses e problemas locais.

Tal processo, evidentemente, implicava uma metabolização, pela elite social, daquelas idéias que, surgidas no contexto europeu, representavam uma justificativa racional para o poder burguês que se expandia na nova ordem capitalista e uma sublevação contra resquícios do antigo regime. (PESAVENTO, 1985, p.60)

Segundo Pesavento foi extraído do pensador John Locke a legitimidade para o enfrentamento e posterior rebelião contra a Coroa. Locke em Dois Tratados sobre o Governo, afirmava que o mal não era parte de um plano de Deus, e sim produzido por indivíduos em um sistema social, cabendo a outros indivíduos modificá-lo.<sup>5</sup> A legitimidade para o enfrentamento de um poder que ameaçava a propriedade e a soberania dos rio-grandenses, este foi o princípio que foi recolhido de Locke, se

<sup>3</sup> Não somente na indicação de um novo presidente, mas também com a indisposição deste em relação aos revoltosos. (PESAVENTO, p.55)

<sup>4</sup> Maria Medianeira Padoin e Sandra Jatahy Pesavento são unânimes em preferir ligações de Bento Gonçalves a movimentos maçônicos, também lançando certas hipóteses sobre a ligação deste grupo a sua fuga em 1837.

<sup>5</sup> Dois Tratados sobre o Governo (em inglês, Two Treatises of Government) é uma obra de filosofia política publicada anonimamente por John Locke no ano de 1689. O Primeiro Tratado refuta as idéias de Robert Filmer, sistematizador do patriarcalismo enquanto que o Segundo Tratado delineia a teoria política da sociedade civil baseada no direito natural e na teoria do contrato social.



justificando a rebelião, contra a arbitrariedade e restrições a liberdade impostas pela Coroa. A vertente do liberalismo político adotada, e muito endossada, pelos farroupilhas, tomava uma conotação federativa.

Entre 1840 e 1842 registra-se uma estabilização da guerra, porém o governo central, não estava dando todas as atenções ao sul, uma vez que estava enfrentando diversas rebeliões em outros pontos do país. Em 1843, se dá o declínio farroupilhas, até em 28 de fevereiro de 1845, ser assinado o tratado de Paz do Poncho Verde, em Dom Pedrito, em plena campanha gaúcha.

Os farrapos não sofreram uma derrota final, pelo menos não nos campos de batalha, porém se encontravam bastante desgastados, sendo praticamente obrigados a assinar o tratado. Além disso, foi lhes oferecida a “paz honrosa”, onde eram atendidas muitas das antigas reivindicações, como também novos benefícios aos farroupilhas.

Os estancieiros obtiveram o direito de escolherem o seu presidente de província, os generais farrapos poderiam, se o quisessem incorporar o exército brasileiro ocupando a mesma patente que obtiveram durante a revolução, o direito de propriedade e a segurança individual de todos os revoltosos, bem como de seus simpatizantes. Seriam garantidas pelo governo central, também como pagamento da dívida da República Riograndense, e a taxa de 25% sobre o charque argentino que entrasse no mercado brasileiro. A liberdade dos escravos, que serviram ao exército farrapo, também seria reconhecida pelo governo. Estes são os princípios fundamentais apresentados por Pesavento.

A questão escrava é um ponto importante em todo emaranhado da revolução, para arregimentar soldados. Os farroupilhas incorporaram escravos às suas fileiras, prometendo em troca, a liberdade após o fim do conflito. De olho na alforria, alguns negros fugiram das propriedades onde eram mantidos escravos para aderir à luta. Outros foram cedidos por senhores de terra que apoiavam a revolução. Já senhores contrários ao movimento podiam ter seus escravos capturados à força, como aconteceu nas charqueadas de Pelotas.

A batalha de Porongos é o fato mais lembrado quanto ao assunto escravismo na revolução farroupilha, onde os escravos lutaram pela dita causa em troca da alforria (o que nunca foi legitimada pelos líderes farrapos segundo Padoin), e acabaram em uma emboscada, onde todo o corpo de lanceiros foi dizimado, pouco depois de a guerra ter sido declarada encerrada oficialmente pela Paz de Poncho

Verde. Além deste fato, muito negros não foram libertados, por medo de uma insurgência escrava. A grande maioria foi vendida a outros estados, ou foram entregues a seus antigos donos pelo direito de reivindicação da posse.

O Tratado de Poncho Verde, de certa forma se tornou muito vantajoso para o governo central. Um processo de conflito estava a acontecer na Argentina, instigando também processos no Uruguai. Para servir de barreira e proteção de fronteira, contra os conflitos vizinhos, era imprescindível que o império conseguisse o apoio militar e econômico do rio Grande do Sul, assim também, como o uso de seu território como base de operações, entrava em cena aqui mais uma vez o poder de barganha do poder militar sulista.

Após a revolução e a assinatura do tratado, se deu início um período de apogeu da dominação local dos pecuaristas, e foi acompanhado de um favorecimento para a economia rio-grandense, tanto pelos acordos feitos entre o governo central e a província, quanto pelas perturbações da economia concorrente na Argentina e Uruguai.

Tanto Sandra Jatahy Pesavento quanto Maria Medianeira Padoin afirmam que através de todos estes fatores pós-guerra, somadas as condições de barganha com o governo central, em contrapartida com os conflitos vizinhos, a charqueada rio-grandense teve grandes condições de prosperar. Um novo equilíbrio de forças em benefício da oligarquia sulina, dominando de forma incontestável a minimização das tensões entre província e centro até meados da década de 1870.

Debatendo sobre Revolução Farroupilha, logo se vem à tona a figura, incontestável, de grande moral e altivez, do general Bento Gonçalves da Silva, tido como um dos heróis de uma dura guerra, a qual é considerada o episódio através do qual a história rio-grandense tem sua inserção mais clara na “história do Brasil”.

Porém, tal herói, foi mesmo este valoroso homem, dotado de inúmeras virtudes? Seria ele um libertador de uma sociedade sulista devastada por conflitos e por sua história de distribuição de terras? Ou Bento, não passava de um ladrão de gado, comandante de milícias que conseguiu fazer fortunas tomando para si o patrimônio de outros.

Cidadão General Bento Gonçalves da Silva – Ladrão da fortuna, ladrão da vida, ladrão da honra e ladrão da liberdade. é o brado ingente que contra vós levanta a nação rio-grandense. ao qual, já sabeis, que junto a minha convicção, não pela geral execração, de que sois credor. o que lamento, mas sim pelos documentos justificativos que conservo... (Da carta de

Onofre Pires de Oliveira a Bento Gonçalves, em 27 de fevereiro de 1844)  
(GOLIN, 1983, p.2)

São apresentadas muitas documentações de almanaques e diários pessoais da época, que afirmam o quão diferente do caráter heroico era Bento Gonçalves. Tais documentos apresentados mostram a quantidade de gado que era traficada ou roubada por Bento e sua milícia, tudo isso com o apoio do Marques do Alegrete, grande companheiro de ladroagem de Bento.

Foi exatamente no período da primeira e segunda invasão luso-brasileira na Banda Oriental que Bento Gonçalves compôs a base de sua fortuna, e ascendeu de simples cabo militar a estancieiro abastado. Após se estabelecer em Serro Largo, prestou importantes serviços a Coroa Portuguesa. Na qualidade de espião forneceu dados relevantes, que muito contribuíram na guerra perpetrada contra Artigas.

Entretanto, as invasões na Banda Oriental, ao lado dos interesses da Coroa, propiciou a realização do saque, do roubo e do contrabando. O interesse não era meramente militar, uma conquista exclusiva. A Bento Gonçalves e aos “cabeças” que estavam por trás dele interessava fundamentalmente o que era conquistado e, conseqüentemente, repartido, de forma legal ou não. (GOLIN, 1983, p.31)

Antes de se tornar o presidente da Republica Riograndense, Bento recebe do Marquês de Alegrete o título de Capitão de Guerrilha, o que lhe atribui poderes para que “passe sem perda de tempo a reunir o maior numero de homens, (...) sendo-lhe livre adiantar-se no território da Capitania de Montevidéu, e podendo praticar todas as hostilidades permitidas pelo direito de guerra em todo aquele país.” (GOLIN, Tau, 1983, p.32)

Em outro documento, que possivelmente é do ano de 1819, e foi extraído de um diário de um Sargento Mor de Milícias, Albano de Sousa Henrique Rebello, é descrito que Bento, oferecera certa quantia de dinheiro para que recebesse uma promoção militar e passa-se a ser tenente, sendo assim, é comprada a patente militar. Tal ato, não é só uma escalada militarmente pomposa, mas também uma jogada muito lucrativa, pois ser um tenente era compensador, o próprio Bento introduziu muitas riquezas roubadas do campo de Montevidéu e vendidas na fronteira, agigantando seu patrimônio particular, sem precisar temer nenhuma represália ou ação judicial.

Posteriormente a este evento de promoção a tenente, Bento e seu bando, dão inicio a um novo golpe, que se baseava em confiscar o gado vendido por eles próprios a outros indivíduos. Após a venda do gado, quando a tropa estava sendo

transferida para o Rio Grande, Bento e seu bando barravam os tropeiros, e tomavam-lhes a posse do gado, alegando que o mesmo estava sendo introduzido em solo Brasileiro ilegalmente e sem pagar impostos, era um jogo de cartas marcadas, onde a lucratividade era certa.

No quadro destes acontecimentos se desencadeia posteriormente a Revolução Farroupilha, onde a idéia de uma republica correu o território inteiro, com lemas de igualdade, justiça e fraternidade, porém tais ideais não se equiparavam ao latifundiário Bento Gonçalves, senhor de escravos, que pertencia à fração mais retrógrada e absolutista da oligarquia, e a qual seu apetite financeiro era insaciável, segundo Moacyr Flores.

Embora tenha subido ao posto de General, foi um desastre militar, nos dez anos de guerra, não conseguiu sair vitorioso de sequer uma batalha de importância, e até demonstrava poucas convicções republicanas, vale lembrar que não há evidências de seu republicanismo, e a republica foi proclamada por Antônio de Souza Neto, longe do chefe revolucionário Bento.

Se nunca foi republicano, deixou de ser liberal, quando assumiu a presidência sem convocar ou permitir a reunião da Assembléia Constituinte e Legislativa. O liberalismo farroupilha era antagônico a democracia, uma vez que era um movimento formado por uma minoria prestigiada e dominante, econômica e militarmente, a qual o povo era privado de participação no cenário político.

“A eleição de Bento Gonçalves da Silva, pela Câmara de Piratini, em 6 de novembro de 1836, contou com os votos dos vereadores e principais chefes militares farroupilhas. “o povo não votou”, seguindo a orientação liberal que concedia o direito de voto apenas à elite...”. (PESAVENTO, 1985, p.48)

Esta era a forma mais justa de governo e sociedade vista pelos farroupilhas, pois poucas pessoas têm a capacidade de governar, e o povo precisa de uma classe culta que saiba escolher os seus governantes, sendo assim somente grandes proprietários tinham direitos a cargos, tudo baseando na quantidade de dinheiro que o individuo possuía, quanto mais alta a quantia, mais elevado o seu cargo político.

Além da exclusão do povo do cenário político, os líderes farroupilhas, que empunhavam a bandeira de liberdade, nunca afirmaram legitimamente e oficialmente a libertação dos escravos, e os mantiveram durante todo o processo de lutas, e posteriormente também. Durante sua prisão no Forte do Mar, no Rio de Janeiro, Bento teve o direito de levar um de seus escravos para servi-lo durante o

cárcere. Muitos destes proprietários fizeram empréstimos/aluguel de seus escravos a outras propriedades, até em outros estados, e posteriormente retomaram sua mão de obra após a guerra.

Moralmente falando, o presidente Bento Gonçalves, tem um passado, tanto quanto moralmente obscuro, e é difícil compreendê-lo como um cavalheiro andante, em prol da liberdade e justiça no sul.

Mediante o conhecimento do homem histórico Bento Gonçalves da Silva, delimitado na sua classe – a oligarquia -, não é possível compreendê-lo como um herói popular, digo de ser cristalizado no coração do povo, mas sim como um herói genérico<sup>6</sup>, não por um herói do povo, mas sim pelo sucesso da ideologia dominante. Segundo Golin, Bento sempre esteve voltado a sua própria classe, todas as suas atividades buscavam preservar e aumentar seus privilégios, e se valendo de ser um “herói” conseguiu elevar integralmente seu projeto de sociedade, em consequência, alienando o povo material e espiritualmente a exploração e ao espólio. Bento não é um herói do povo, Bento não foi um lutador das causas populares, Bento não passou de um homem da classe dominante que era organicamente articulado com ela.

“Crê-se, contudo, que o que deve ser enfatizado, no caso, é a inserção de classe de Bento Gonçalves na sociedade de seu tempo, como integrante da camada dominante rio-grandense, que tinha seus interesses ligados ao gado, à terra e aos escravos. Nesta medida, toda a ação de Bento Gonçalves – nem herói, nem ladrão – se enquadra a partir de interesses sociais bem definidos. O contrabando e a usurpação de terras mediante violência, no caso, não podem deixar de ser entendidos senão à luz do seu tempo, como práticas históricas correntes em sua época.

As acusações levadas a efeito contra Bento Gonçalves nas vésperas da eclosão da revolta, se não verdadeiras, vêm pelo menos demonstrar o real envolvimento dos rio-grandenses com o interesses econômicos e políticos das nações platinas”. (FLORES, 1978, p. 137)

Sendo assim, não podemos enquadrar o indivíduo Bento Gonçalves da Silva em uma configuração de herói, também não na de um ladrão, devemos compreendê-lo como um elemento da rede social da oligarquia, e que conforme já tido articulado com ela, que percorreu objetivos em busca de interesses próprios e de sua classe pertencente. A atribuição de status de heróis a Bento é uma tendência da historiografia oficial, de reconstruí-lo de forma idealista, o passado ideal, e a

---

<sup>6</sup> O termo herói genérico é criado e utilizado por Tau Golin para descrever um indivíduo que tem sua heroicidade legitimada pela população, ou pela apropriação da cultura, mas seus atos e a historiografia oficial, provam que o mesmo não se enquadra na configuração de herói propriamente dito.

desconstrução deste idealismo também é parte da historiografia oficial, pois se é apresentado todo o conjunto de fatores que busca apresentar e deixar claro quase que o oposto de toda essa idealização.

Por fim a Revolução Farroupilha é o acontecimento mais festejado da historiografia oficial do Rio Grande do Sul, pode até ser um símbolo do espírito de bravura do povo gaúcho. O essencial é entendê-la como um momento histórico no qual a província sulina teve condições de enfrentar o poder central durante dez anos, conseguindo enfim, barganhar com o poder opressivo do governo central.

### 3 TRADIÇÃO INVENTADA

Tradição inventada é um termo muito amplo, que engloba tanto as tradições que realmente foram inventadas e institucionalizadas, como também as que surgiram em determinado espaço de tempo, ou até mesmo incalculável espaço de tempo. Por definição uma tradição inventada é um complexo conjunto de práticas, impostas ou aceitas abertamente, que visam absorver valores e normas de comportamento determinados, através da repetição, implicando assim numa continuidade do passado idealizado, apropriado.

A “tradição” neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do “costume”, vigente nas sociedades ditas “tradicionais”. O objetivo e a característica das “tradições”, inclusive as inventadas, é a invariabilidade. (HOBBSAWN, 1997, p. 10)

Embora sejamos levados a fazer ligações, ou assemelhar, tradição e costume, existe uma total diferenciação entre tais termos. A tradição deve ser diferenciada de costume pela regra básica de que, seu objetivo é invariabilidade, já o costume é totalmente variável, permitindo práticas de inovação e readaptação, seguindo a regra de ser idêntico ou parecido com o seu antecessor, o que não ocorre em uma tradição, que por si só é absoluta.

“O “costume” não pode se dar ao luxo de ser invariável, porque a vida não é assim nem mesmo nas sociedades tradicionais. O direito comum ou consuetudinário ainda exhibe esta combinação de flexibilidade implícita e comprometimento formal com o passado. Nesse aspecto, aliás, a diferença entre “tradição” e “costume” fica bem clara. “Costume” é o que fazem os juizes; “tradição” (no caso, tradição inventada) é a peruca, a toga e outros acessórios e rituais formais que cercam a substância, que. é a ação do magistrado.” (HOBBSAWN, 1997, p. 11)

Hobsbawn ainda nos coloca que se espera que as invenções de tradições aconteçam com mais frequência quando uma sociedade passa por transformações rápidas onde se destrói os padrões sociais, para os quais as velhas tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis. Sendo assim inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações amplas e rápidas.

Também devemos evitar criar o pensamento de que uma tradição simplesmente surge, pelo fato das suas sucessoras se tornarem extremamente inflexíveis e obsoletas. É preciso deixar claro que existem adaptações de velhas

tradições, para que se deve segmento ou se inventa uma nova. As adaptações aconteceram, e continuaram a acontecer, quando for necessário conservar velhos costumes em novas ordens e condições, usando velhos modelos para novos fins.

“Instituições antigas, com funções estabelecidas, referências ao passado e linguagens e práticas rituais podem sentir necessidade de fazer tal adaptação: a Igreja Católica, frente aos novos desafios políticos e ideológicos e às mudanças substanciais na composição do corpo de fiéis (tais como o aumento considerável do número de mulheres tanto entre os devotos leigos quanto nas ordens religiosas); os exércitos mercenários frente ao alistamento compulsório; as instituições antigas, como os tribunais, que funcionam agora num outro contexto e às vezes com funções modificadas em novos contextos. Também foi o caso das instituições que gozavam de uma continuidade nominal, mas que no fundo estavam sofrendo profundas transformações, como as universidades.” (HOBSBAWN, 1997, p. 14)

A utilização de determinados elementos na invenção de novas tradições com fins originais também é muito interessante, pois, segundo Hobsbawn, sempre se pode encontrar no passado, de qualquer sociedade, muitos elementos que são possíveis de se aproveitar, sempre uma linhagem elaborada, composta por simbolismo e práticas. Tanto que muitas vezes as tradições inventadas podiam ser criadas a partir destes elementos, ou simplesmente enxertadas em velhas tradições criando um novo conceito com um fim original.

Naturalmente, muitas instituições políticas, movimentos ideológicos e grupos - inclusive o nacionalismo - sem antecessores tornaram necessária a invenção de uma continuidade histórica, por exemplo, através da criação de um passado antigo que extrapole a continuidade histórica real seja pela lenda (Boadicéia, Vercingetórix, Armínio, o Querusco) ou pela invenção (Ossian, manuscritos medievais tchecos). Também é óbvio que símbolos e acessórios inteiramente novos foram criados como parte de movimentos e Estados nacionais, tais como o hino nacional (dos quais o britânico, feito em 1740, parece ser o mais antigo), a bandeira nacional (ainda bastante influenciada pela bandeira tricolor da Revolução Francesa, criada no período de 1790 a 1794), ou a personificação da “Nação” por meio de símbolos ou imagens oficiais, como Marianne ou Germânia, ou não-oficiais, como os estereótipos de cartum John Bull, o magro Tio Sam ianque, ou o “Michel” alemão. (HOBSBAWN, 1997, p.15 - 16)

Muitas instituições políticas, movimentos ideológicos e grupos sem antecessores tornaram necessária à invenção de uma comunidade histórica. As rupturas em comunidades trás, a propósito, o próprio aparecimento de movimentos que defendem a restauração das tradições, sendo elas tradicionalistas ou não. Pode ser que muitas vezes se inventem tradições não porque os velhos costumes não estejam mais disponíveis nem sejam viáveis, mas porque eles não são usados, nem



adaptados.

Hobsbawn deixa claro que as tradições inventadas desde a Revolução Industrial se dividem em três categorias: A) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais. B) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, status ou relações de autoridade. C) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento.

Há uma nítida diferença entre as práticas antigas e as inventadas. Práticas antigas são práticas sociais específicas e altamente coercivas; enquanto as práticas inventadas são bastante gerais e vagas quanto à natureza dos valores, direitos e obrigações que procuravam inculcar nos membros de um determinado grupo, lealdade, dever e etc. As novas tradições preencheram uma pequena parte do espaço cedido pela decadência secular das velhas tradições e antigos costumes.

Pode-se dizer que as tradições inventadas são sintomas importantes e indicadores de problemas que de outra forma poderiam não ser detectadas nem localizadas no tempo. Toda tradição inventada usa a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal. O fenômeno nacional não pode ser adequadamente investigado sem que se de atenção devida a invenção das tradições.

Já apresentada à condição de tradição inventada, agora passamos a análise do mito do gaúcho, M.T.G e C.T.G, Acampamentos Farroupilhas, e toda a descendência da epopeia farroupilha e a proliferação destes sistemas pelo estado do Rio Grande do Sul.

Ao trazer à tona a questão de tradição inventada, evidenciando a sociedade do Rio Grande do Sul e a questão farroupilha, primeiramente, devemos enquadrá-la em uma das três categorias descrita por Hobsbawn. Acredito que no caso em questão é o terceiro elemento, onde o propósito principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento. Acredito ser esta a linha objetiva do mito do gaúcho, pelo fato dele buscar uma padronização comportamental, se utilizando de valores a ser repassados assim como ideais definidos.

Como já apresentando anteriormente, no primeiro capítulo deste trabalho, todo o decorrer da Revolução Farroupilha, deixa claro que de muito pouco cunho heroico e muito menos de agregação de direitos populares teve tal guerra. Porém, o

que nos é apresentado atualmente, se difere muito da realidade historiográfica, o que temos cristalizado na memória e na cultura da população sulina é epopeia farroupilha, uma saga travada por heróis, contra a “tirania maléfica” do governo imperial.

Essa cristalização cultural esta tão enraizada que é tomada por verdade, é tão distante do tempo atual que chega a ser impossível citar o momento em que ela foi plantada no consciente da população, mas podemos tomar como um dos pilares desta tradição inventada a criação do dínamo da cultura do gaúcho, o Movimento Tradicionalista Gaúcho, M.T.G.

Após a II Guerra Mundial, foi despejado em território brasileira, uma enorme quantidade de heróis “yankees”<sup>7</sup>, via revistas em quadrinhos e cinema, toda uma cultura made in USA era copiada e dinamizada durante a metade da década de 40. Segundo o folclorista Odagil Nogueira de Camargo, no Rio Grande do Sul em especial, até existia vestígios de tradições farrapas, porém muito escassas, mas foi de dentro de uma escola que tudo estava a mudar.

A fundação do órgão M.T.G, teve como precedente, em 1947, um outro movimento, denominado “O Grupo dos 8”, formado por jovens estudantes, provenientes do meio rural, eram eles Antonio João de Sá Siqueira, Fernando Machado Vieira, João Machado Vieira, Cilço Campos, Ciro Dias da Costa, Orlando Jorge Degrazzia, Cyro Dutra Ferreira e com maior notoriedade João Carlos Paixão Côrtes.

Os oito jovens tinham o intuito de preservar as tradições sulinas, como a lida de campo, e a adoração aos revoltosos farrapos, com este objetivo, criaram um departamento de cultura no colégio que freqüentavam, o Júlio de Castilhos. Em busca de uma maior abrangência buscaram o apoio da Liga da Defesa Nacional, a qual era responsável pelas festividades de semana da pátria. Com este apoio, e com a chegada de novos adeptos a essa cultura, se deu inicio a criação do que viria a ser mais tarde o 35 C.T.G, o primeiro Centro de Tradições Gaúchas do estado.

“No dia 24 de abril de 1948, fundava-se o 35 Centro de Tradições Gaúchas, o primeiro CTG do estado. Materializava-se, assim o Movimento Tradicionalista Gaúcho, com um ponto de referencia para encontros de

---

<sup>7</sup>Em inglês, a palavra *yankee* é muitas vezes abreviada para *yank*, e pode assumir significados ligeiramente diferentes, dependendo do contexto. Para pessoas que não são americanas, um *yankee* é um americano; para um americano, um *yankee* é uma pessoa que vive em um Estado do Norte do país.

gaúchos: o galpão. Ele abrigaria as peças e as causas da tradição, colocando-as em movimento. Os objetivos do 35 CTG eram: Zelar pelas tradições do Rio Grande do Sul, sua história, suas lendas, canções, costumes etc. e consequente divulgação pelos estados e países vizinhos. Lutar por uma maior elevação moral e cultural do Rio Grande do Sul; (...)" (CAMARGO, 2000, P.76-77.)

Os anos posteriores vieram a surgir novos C.T.G's, entidades espalhadas pelo estado inteiro, que seguiam a mesma vertente do 35 C.T.G. Era de extrema necessidade um órgão que regresse estas novas entidades, para que não se afastassem do objetivo principal, a alegoria gauchesca do gaúcho homem do campo, lutador, honrado, e que lutou por dez anos por uma causa justa. Funda-se então o M.T.G, em 1968, órgão que foi criado em uma convenção com diversas autoridades responsáveis pelos C.T.G's.

Com a fundação do M.T.G, houve um enorme regramento em relação à forma com que a cultura e os C.T.G, iriam funcionar, deste o traje de seus frequentadores, como também a postura da entidade perante a sociedade. Foram estabelecidos valores, todos definidos conforme orientação em referencia a revolução farroupilha.

É nesse ponto, a fundação do M.T.G e da criação dos C.T.G's, que se fixa toda a proliferação desta tradição inventada no imaginário da população rio-grandense, criação de um gaúcho herói, homem do campo, livre, honrado, devotado a sua terra e seu povo, que enfrentou dez anos de guerra pela liberdade e igualdade do sul.

Hobsbawn nos coloca também que é necessário um conjunto de ações, fatores, símbolos e rituais, para que haja uma invenção, é necessária a repetição deste simbolismo em busca de uma apropriação da tradição. A exaltação aos farrapos presentificada em nosso cotidiano é exorbitante, o empenho e apoio dado aos acampamentos farroupilhas e C.TG's espalhados pelo estado, unidos a disseminação midiática do orgulho farroupilha é enorme. Durante o mês festivo de setembro, não é difícil encontrar pessoas usando a indumentária pelas ruas, ou bandeiras enfeitando moradias, existe todo um processo dentro de escolas para que se aconteçam apresentações referentes à data, ou visitas dos alunos a lugares históricos ou aos acampamentos.

No simbolismo podemos enquadrar diversas obras que buscam mostrar o heroísmo, a honra da revolução, elencaremos algumas obras, que estão em maior destaque no quesito de padronizar o comportamento cultural e o caráter heroico dos

envolvidos na revolução, outorgando assim uma memória cultural de tradição, no imaginário da população em questão.

Sendo assim o indivíduo pode andar pelas ruas e praças do centro de importantes cidades do Rio Grande do Sul, como o de Porto Alegre, Dom Pedrito, Rio Grande e observar os monumentos sem saber muito acerca do contexto histórico dos vários farrapos homenageados, tais como Bento Gonçalves, Garibaldi, Teixeira Nunes e Neto. Exemplos não faltariam uma vez que foi feito um esforço consistente e proposital por parte dos governantes do estado no sentido de fixar símbolos e personagens, em detrimento, inclusive, da memória, da honra e da superioridade do Rio Grande do Sul e seus descendentes na Revolução Farroupilha. Para entender melhor como ocorreu este processo e destrinchar esse período complexo de transformações a leitura do livro "A Formação das Almas – O imaginário da República no Brasil" de José Murilo de Carvalho, publicado em 1990, em comemoração ao centenário da República brasileira, pode nos fornecer importantes subsídios.

O monumento "Paz Farroupilha", em Dom Pedrito, que faz alusão a um farrapo e um soldado imperial, ambos se cumprimentando de cima de seus cavalos, é um ótimo exemplo de fixação simbólica.



Monumento a Paz Farroupilha em Dom Pedrito – RS

O Tratado do Poncho Verde, ou paz honrosa, assinado em 1º de março de 1845, na região que hoje é Dom Pedrito, foi uma forma de se terminar a guerra, sem perder a honra republicana, de homem aguerrido, bravo e forte. De certa forma foi a melhor das opções para os revoltosos farrapos, afinal, já não era vantajoso a luta contra o Império. Com um exército já desgastado, sem recursos, e já sem o apoio da população. Assim, restou como última opção um tratado de paz, que atenderia muitas de suas reivindicações, mas não um contentamento completo, mas traria

uma comodidade aos grandes estancieiros/comandantes republicanos. Porém existem cláusulas do tratado que não foram cumpridas, um exemplo é a libertação dos escravos envolvidos com a causa farroupilha, além da emboscada em Porongos, onde o corpo de lanceiros foi dizimado, muitos negros não foram libertados, para que se evitasse uma possível insurgência negra mais tarde. Sendo assim muitos destes negros foram levados ao Rio de Janeiro e vendidos, outros foram entregues novamente a seus donos, pela reivindicação da posse. Honra nesse tratado, foi o que menos existiu, não foram esmagados em campos de batalha, não houve propriamente uma derrota, que os fez perder a hombridade republicana, porém a honra se perdeu no momento que existiu uma barganha social, e mesmo descontentes, os comandantes obrigam-se a assinar, uma paz, com honra.

A instalação do monumento em Dom Pedrito, não é uma escultura que faz descrição da realidade histórica, porém é muito importante à sociedade, é uma afirmação de que temos honra, pois ao visualizá-lo somos levados a crer que o cumprimento feito entre os cavaleiros é um encontro de velhos amigos, de que os farrapos saíram do campo de batalha de cabeça erguida, e que de certa forma o Império se dobrou ao valoroso exercito de centauros do sul, lhes propondo a fazer um acordo, onde o Rio Grande saiu vencedor.

Podemos citar também os monumentos espalhados pelos quatro cantos do estado idolatrando Bento Gonçalves, tido como o maior exemplo de homem, valoroso por excelência, em especial ao monumento túmulo do general, que esta situado na maior praça do interior do Rio Grande do Sul, a Tamandaré em Rio Grande.

A exuberância e a opulência do monumento são evidentes, tão majestoso quanto o nome que guarda em sua lápide. Mais uma vez vemos a celebração de um homem que historiograficamente não é considerável um herói, mas que em virtude de toda a cultura e tradição inventada se tornou um semideus na questão Farroupilha. Vale lembrar que tal escultura foi erguida por um consórcio de municípios, e do governo estadual, legitimando e reafirmando, a uma história baseada em uma invenção, e traçando uma linha de adoração entre a população sulina e Bento.



Monumento Túmulo de Bento Gonçalves – Praça Almirante Tamandaré em Rio Grande - RS

Simbologia e ritualização, extremamente necessárias para a formação de uma tradição inventada, têm o acampamento farroupilha, o clímax de cultura, arte, simbologia, é de certa forma um monumento tombado da cultura gaúcha farroupilha.





Acampamento Farroupilha 2014 Seminário Nossa Sr.<sup>a</sup> de Fátima em Erechim RS<sup>8</sup>

Todo ano durante o mês de setembro, temos parques espalhados pelo estado, onde são erguidos galpões de taipa, e hasteadas bandeiras tricolores (verde, vermelho e amarelo) em alusão a Revolução Farroupilha. Nestes espaços, não é preciso ter um olho clínico, para notar o fanatismo pela tradição, pelos heróis, e pela influencia exercida sobre a população. A mídia comercializa, a sociedade compra, e novamente reafirmamos, e cultuamos o mito do gaúcho, a epopéia farroupilha. Os museus com obras de arte da revolução têm mais visitação, os monumentos em praças públicas são alvos de homenagens aos velhos guerreiros, e tudo se torna mais gaúcho durante o setembro.

Se o gauchismo celebra, a cada setembro, uma espécie de culto de identidade cujo zelo excessivamente radical tem muito de religioso, não é de estranhar que essa celebração se organize em torno de um mito: a Revolução Farroupilha. (PESAVENTO, 1985)

Mas, como todo mito, sua construção se deu por seleção de alguns aspectos em detrimento de outros. Uma história hegemônica da revolução, onde os seus comandantes, leia-se heróis, são estancieiros, brancos, homens, e a cultura do tradicionalismo implantada como uma narrativa uniforme a resistência de qualquer sombra que não remetesse a valores de hombridade, presentes na comunidade gaúcha. O Rio Grande aceitou essa versão, afinal o tradicionalismo é cultura, é arte e simbologia, uma vez que seu apelo encontra eco legítimo em uma multidão de seus adeptos.

---

<sup>8</sup> Foto arquivo pessoal Janriê Leonardo Carminatti, 2014

#### 4 O MITO FARROUPILHA EM ERECHIM

A mitificação do gaúcho é constantemente revista na historiografia oficial, assim como na não oficial, em grande parte essa glorificação da epopeia farroupilha no consciente da população se deu por influencia da mídia aliada ao folclorismo de Paixão Cortes e a criação dos C.T.G's, criando assim uma concepção apropriada a todo o panteão de heróis, e continuidade histórica.

Por ter nascido e sido criado na cidade de Erechim, no norte do Rio Grande do Sul, e também por ser frequentador de C.T.G,s e estar diretamente ligado a essa concepção da Revolução Farroupilha, fui de certa forma, encaminhado a pesquisar e estudar como se deu essa mitificação por meio midiático, assim também como foi apresentada essa figura, através da mídia oficial erechinense, o Jornal Voz da Serra, durante o recorte temporal de 1964 à 1985.

Primeiramente devemos nos situar que o jornal era desde um informativo público, comercial e social, como também uma maneira de inserção de idéias da sociedade local, não cometendo o anacronismo de fazer comparativos entre o meio globalizado da era da internet e todo seu manancial de informações. De certa forma, a figura do jornal, era tida como verdade absoluta.

Na análise das matérias do jornal estipulei como semana farroupilha do dia 15 à 25 de setembro de cada ano, sendo assim podendo abranger mais conteúdo do que seria absorvido somente analisando a data do feriado 20 de setembro.

Escolhi este recorte de temporal pelo fator da condição nacional da época, o período da ditadura militar, que teve seu início em 1964 e perdurou até 1985. Com caráter nacionalista e anticomunista, o período ditatorial fez inúmeras vítimas, abrangendo grande parte da população brasileira, e a levando a estado de guerra. Não nos abstendo do assunto, mas devemos primeiro compreender o que buscava o regime militar no Brasil, para depois podermos relacionar sua ligação com a exaltação do mito farroupilha em Erechim.

Conforme já visto nos capítulos anteriores, a historiografia oficial aponta que muito pouco de cunho social (popular) teve a revolução farroupilha, sendo ela, uma guerra com interesses elitizados, e que foram focados principalmente nesta classe dominante e conservadora. Porém se é inventada uma tradição, de um passado histórico apropriado, com fundamentos morais e virtuosos para com os "heróis" farrapos e sua saga pelos pampas, tal passado é implantado e outorgado através do



Movimento Tradicionalista Gaúcho (M.T.G). Evidenciado em nosso cotidiano, e também nas questões folclóricas do Rio Grande do Sul, é perceptível, a apropriação popular, deste mito imposto pelo M.T.G, sendo acolhido socialmente como uma epopeia verdadeira, marcada por duras batalhas em busca de liberdade, democracia, e direitos iguais para todos.

Segundo Hobsbawn, as tradições inventadas também sofrem mudanças, ou são reaproveitadas/revitalizadas em momentos de crise, por entidades dominantes, que buscam apoio, ou estão passando por momentos de reestruturação, como já apresentado no capítulo anterior. Tal teórica se encaixa nas formas de governo, e no apelo que os mesmo fazem, trazendo um passado para o presente, buscando reviver o sentimento de identidade nacional.

Busco então provar, com as análises apresentadas a seguir, que em Erechim, durante o governo ditatorial militar<sup>9</sup>, ouve essa revitalização do mito farroupilha, buscando trazer a tona sentimentos nacionalistas na população, objetivando o apoio ao novo sistema governamental vigente.

Deflagrado em 1 de abril de 1964<sup>10</sup>, após um golpe de estado que derrubou o presidente democraticamente eleito João Goulart, se da inicio a ditadura militar, que teve como característica básica a política de “Segurança Nacional”. Com diretrizes nacionalistas, anticomunista e desenvolvimentistas, pondo em pratica vários Atos Institucionais (AI)<sup>11</sup> que privavam e restringiam liberdades á população, assim como aos veículos de mídia, e direitos que já eram concebidos em constituição.

Essa época é caracterizada pela falta de democracia, pela grande perseguição política exercida pelos militares, pela privação de direitos políticos e humanos e também pela censura exercida aos meios de comunicação e expressão. O governo militar em busca de um sentimento nacionalista muito se valia da tradição inventada do mito farroupilha, e se apropriou de um sentimento já presente no

---

<sup>9</sup> Muito da historiografia presente como governo ditatorial civil-militar, pela participação de indivíduos sem nenhuma ligação as forças militares.

<sup>10</sup> 1 de abril é a data de sua instauração, porém , o golpe ou revolução como afirmam os militares, se deu muito antes disso, seu planejamento teve inicio ainda em 1961, segundo a maioria das fontes historiográficas. GUARNIERI, Dayane Cristina; RAMIREZ, Hernan Ramiro. O PRELÚDIO DO GOLPE CIVIL E MILITAR NO BRASIL.

<sup>11</sup> Com maior notoriedade o AI 5 - O Ato Institucional nº 5, AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, dando pleno poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados. KUSHNIR, Beatriz. Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988. Boitempo Editorial, 2004.

consciente da população, como o amor pela terra, ideias de liberdade e nacionalismo, para compenetrar seus ideais.

Em 20 de Setembro de 1964, com uma imprensa já em fase de censura, o Jornal Voz da Serra, faz a seguinte publicação.

“O patriotismo dos rio-grandenses jamais foi desmentido. Declaram-se outros tão brasileiros como nós mas nunca mais que nós. A história esta a afirmar que foi na fronteira rio-grandense que se travaram as grandes batalhas em defesa da nacionalidade, e que os rio-grandenses nunca deixaram de estar na primeira linha de combate. Mas não é certamente esta data o momento de estar a repetir isso. Ela sugere antes a reafirmação das reservas morais de um povo que dificilmente ficaria indiferente às grandes causas. Ela delineia o perfil ousado e altivo de um povo que sabe responder às exigências históricas que é chamado a responder. (...) Registre-se, pois, a grandeza iniludível da data. Não passe ela obscurecida ou data comum. A data não é apenas gaúcha, é brasileira. Nasceu para ser partilhada por todos. Não é possível exaltar o Rio Grande e a gente rio-grandense, sem exaltar a nação que se orgulha de trazê-los bem vivos em seu seio.” (Jornal AVS, 20 set. 64, sp.),

É nitidamente notável a supervalorização do gaúcho, tanto no cenário regional como no cenário político social que se encontrava o país. É perceptível também a apropriação desta tradição inventada segundo os moldes de Eric Hosbawn, como o patriotismo que é um dos fundamentos básicos da invenção farroupilha, para a apresentação do “povo” rio-grandense nos moldes que seriam mais convenientes ao estado ditatorial militar brasileiro.

Não devemos nos esquecer, que conforme apresentado no segundo capítulo deste trabalho, o critério básico para a tradição inventada é normatizar e estabelecer padrões sociais pré-definidos.

O ano seguinte, 1965, o Brasil já estava submerso sob o domínio militar, o regime já consolidado, e novamente vemos a fiel ilustração da alegoria farroupilha apresentada a população erechinense. Porém o que me chamou mais a atenção é a titulação da matéria de 19 de setembro deste ano, “Epopéia Farroupilha”, com seu texto recheado de ideais honrosos, e com a exaltação aos feitos farrapos é a primeira vez que se tem a conotação, de que as batalha no sul do país, foram épicas, dignas da colocação deste titulo.

“(...) “O DIA DO GAÚCHO” data efeméride de amanhã, os rio-grandenses do presente homenageiam e rendem-se luto aos seus antepassados pelas suas lutas, pelas suas conquistas, pelas suas feridas; enfim pelos seus

feitos heróicos em geral, que qual ao próprio “guesca” são eternos; são imortais, como bem o disseram os poetas. (...)”(Jornal AVS, 19 set. 65, sp.)

Ainda neste ano, vemos a apresentação de indivíduos que foram figuras de destaque durante a guerra farroupilha, e também se dá início a introdução dos heróis, que fizeram parte destas batalhas no imaginário da população. Da data em questão é Anita Garibaldi:

“(...) Aprisionada pelo inimigo conseguiu habilmente evadir-se, permanecendo quatro dias escondida na floresta, sem alimentação, procurada pelos legalistas. Certa vez, estando o marido ausente, irrompeu subitamente uma batalha: Anita, sem hesitar, substituiu-o no comando, fazendo funcionar o canhão, confiado à guarda dele. Conquistou, no combate das Forquilhas, o título de “bravos entre os bravos (...)”(Jornal AVS, 19 set. 65, sp.)

Esse enfoque especial aos heróis seria visto novamente mais tarde, nos anos de 1972, 1975 e 1978, porém o grande foco da mídia local ainda se baseia na Revolução farroupilha como um todo, repassando apenas pequenas informações sobre os indivíduos envolvidos nela, embora a discussão é mais enfatizada propriamente na revolução, e no ano de 1969, se faz o que até então não havia sido feito, é apresentado eventos que antecederam e levaram a eclosão da revolta.

“A idéia federativa que, em seguida de nossa independência, empolgou a quase todos os homens de cultura, repercutiu nas províncias, conseguindo assim adeptos fervorosos.

O povo riograndense, pela sua origem portuguesa, pela sua educação democrática no convívio das estâncias, onde se irmanavam capatazes, estancieiros, peões e agregados pelo seu espírito nascido na vida em comum contra o inimigo externo, se fez adeptos fervoroso da idéia federativa.

Temos o início da Revolução Farroupilha, em maio de 1831 quando o jornalista Pedro José de Almeida proclamava que: Só a federação poderá livrar esta Província das arpias que a Corte nos manda. (...)

(...)São justas as homenagens com que o Brasil glorifica a data Farroupilha e enaltece o heróico povo riograndense que sempre foi um instrumento na defesa da democracia.

Esse povo admirável merece tal glorificação pelo seu modo de ser, pelas idéias democráticas que bem lhe identifica e que manteve a Revolução Farroupilha dando-lhe um caráter diferente das demais revoluções brasileiras que só encontravam adeptos até o sacrifício na elite intelectual dos doutrinados idealistas.

A Revolução Farroupilha pela sua longa duração pela índole de seus homens pelas manifestações de brasilidade dos gaúchos serviu para consolidar a nossa unidade política. (Jornal AVS, 21 set. 69, sp.)

É agradável, no ponto de vista historiográfico, ver uma linha do tempo mais explicativa em um jornal de 1969, durante regime ditatorial, porém tal linha de eventos ainda é carente quando se refere aos fatores que levaram a eclosão da revolução farroupilha, entretanto traga sim alguns dos fatores relevantes no desenrolar de acontecimentos pré-revolução, é facultativa na apresentação das reais intenções dos revoltosos. É interessante também seu apelo heroico, e histórico, na luta pela democracia, enquadrando o povo em sinergia em busca da democrática. Seu apelo se dá na conotação da união das classes presentes no texto, peões, capatazes é até os estancieiros, porém no quesito humano<sup>12</sup> é possível considerá-los como um só, mas em virtude de seus interesses, e da região geográfica de fronteira, é difícil compreendê-los como um povo só, irmãos, como já visto nos capítulos anteriores.

No trecho “pela índole de seus homens pelas manifestações de brasilidade dos gaúchos serviu para consolidar a nossa unidade política.” conseguimos ver a nitidez com que a figura da democracia esta plantada no texto, afinal, no cenário político de 1969, é importante a população crer que esta vivendo em uma democracia, fiel também aos princípios com que os heróis gaúchos lutaram, colocando a evidencia da importância do nacionalismo gaúcho para a atual situação brasileira.

“Em 7 de setembro de 1972, a ditadura militar tomou conta das comemorações da principal efeméride do período: o Sesquicentenário da Independência do Brasil. As festas tiveram um caráter oficial e algo sombrio: o general Médici presidiu um desfile na avenida Paulista, vendedores ambulantes ofereciam monóculos com a fotografia de dom Pedro I e o principal ato simbólico da comemoração foi a lúgubre cerimônia de translação de parte do corpo do imperador (o coração ficou em Portugal) para a capela do Monumento do Ipiranga depois de os despojos mortais terem peregrinado por todo o país.” (FICO, Carlos. 2004 p. 29)

Como descrito por Carlos Fico, em 1972, o governo ditatorial militar entrou com grande foco nas comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil, com a ilustre presença do general Médici no pomposo desfile, em Erechim. Se dava inicio as comemorações da semana farroupilha, com a abertura do segundo período do legislativo da Câmara de Vereadores e também com a homenagem de

---

<sup>12</sup> Embora um grande número de escravos tenha servido nas fileiras farroupilhas, não é falado sobre eles em tal matérias, afinal, em 1835 , os escravos ainda não eram considerados seres humanos, homens da sociedade.

uma sessão solene para assinalar a data Farroupilha na câmara erexinense. No dia 21 de setembro, o vereador e líder da ARENA local, Darcy Mello<sup>13</sup>, fez o seguinte discurso na sessão solene da Câmara de Vereadores:

“Queremos aqui, nesta data duplamente significativa para nós, abertura de nosso segundo período legislativo do ano e data Farroupilha, associar-nos com esta singela colaboração, a estes bravos gaúchos tradicionalistas de Erechim, a Brigada Militar, que trazem em seu sangue a chama ardente, sempre atualizada e revivida, daquelas lutas de 137 anos passados, que mesmo as gerações e o tempo não conseguiram e não conseguirão jamais apagar.

“Os gaúchos hão de se orgulhar-se sempre dos nobres ideais de sua Republica Farroupilha”. (Jornal AVS, 21 set. 72, sp.)

Embora a presença partidária militar, ARENA<sup>14</sup>, em Erechim já é visível e indiscutível, é só em 1975 que essa presença militar é escancarada na mídia jornalística erechinense. Com um conjunto de três matérias (artigos) sobre o tema farroupilha, Guerras dos Farrapos, O Forte do Mar e Paz Honrosa<sup>15</sup>, o Assessor de Imprensa da Liga de Defesa Nacional, Pedro M. Weinmann faz um “reversionismo” histórico sobre o assunto. Com palavras fortes, e um tom militar é sem sombra de dúvidas, uma apologia de apoio ao governo vigente.

Nos anos que seguiram, de 1975 até 1983, são recheados de publicações sobre os farrapos, porém com nenhum valor histórico, e sim somente com chamadas para eventos festivos a sociedade. Podemos deixar claro, que os eventos relacionados à data festiva do 20 de setembro, como os bailes, não eram ambientes frequentados pela classe trabalhadora, e sim pela elite local, composta por comerciantes, industriários, advogados, médicos e oficiais militares<sup>16</sup>.

É no ano de 1983 que é novamente marcada a utilização do mito gaúcho no cenário político local, novamente temos o relato da data comemorativa e da sessão solene na Câmara de Vereadores.

“O 20 de Setembro foi marcado em nossa cidade, pela sessão solene da Câmara Municipal na manhã do mesmo dia.

<sup>13</sup> Darcy Mello, além de ser membro da ARENA local, trabalhava como despachante na cidade, e estava muito ligado a órgãos de segurança pública.

<sup>14</sup> Aliança Renovadora Nacional, partido sustentáculo do governo militar.

<sup>15</sup> 19, 20 e 21 de Setembro de 1975 respectivamente.

<sup>16</sup> Figuras militares eram associadas a Centro De Tradições Gaúchas da Região, como um Delegado Celso Alves Machado, que frequentemente ocupava seu posto de trabalho, com vestimenta tradicionalista, e chegou a fazer parte quadro de direção de um C.T.G e presidente da 19ª Região Tradicionalista de Erechim.

Presentes a sessão a maioria dos vereadores, bem como autoridades tradicionalistas e comunidade em geral, que abrilhantou ainda mais a data da Revolução Farroupilha. (...)

A sessão solene teve como orador, o líder do PDT, na Câmara, vereador Guilherme Barp. Antes de fazer seu discurso alusivo a data, congratulou-se com o CER Atlântico <sup>17</sup> pela passagem de seu aniversário de fundação.

Barp reportou-se aos primórdios de 1831, quando D. Pedro I abdicava do trono brasileiro. Acrescentou que já naquela época a situação do país era tumultuada, e os farrapos no memorável 20 de setembro de 1835, tendo a frente Bento Gonçalves, passaram da simples oposição política ao governo, a revolta armada. Salientou também os atos heroicos, estóicos e de humanismo impar, que valorizaram aqueles que dela tomaram parte. (...)

Ao finalizar, Barp fez uma pergunta: “porque houve essa luta fratricida que ensanguentou nosso estado por dez anos?” E a resposta foi resumida no seguinte: presidente de províncias nomeados pelo governo Imperial; pesados impostos; idéias republicanas e federativas, estrutura econômica e social; centralização administrativa governamental da regência; completo abandono em que jazia a província e nenhuma realização de obras públicas. Em suma o povo estava insatisfeito.

Analisou também os fatos que vêm ocorrendo agora. Disse o vereador que a história se repete agora também, são as mesmas causas, sob formas diferentes que estão abatendo sobre o Rio Grande, fazendo com que o governador, todos os partidos políticos e a sociedade gaúcha se reúnam, se agrupem sob o mesmo ideal pelo salvamento econômico e social de nosso estado. Não estamos pegando em armas; mas todos estamos unidos, por uma reforma tributária condizente com nosso estado. E isso só foi possível pela eleição direta do governador, todo povo sendo convidado a participar do governo. Só assim também, o Brasil saíra dessa situação calamitosa e difícil por que estamos passando, se nossos governantes chamarem o povo a participar também do governo por uma eleição livre, direta, secreta e universal, para presidente da República, concluiu o vereador. (Jornal AVS, 22 set. 83, sp.)

Critica notável do orador Guilherme Barp, do PDT, em alusão a situação crítica que se encontrava o estado do Rio Grande com a situação de 1835 que resultou na Revolução farroupilha, e fomentando o movimento das Diretas Já. A situação econômica brasileira em 1981 entra em recessão levando ao afastamento em massa das classes dominantes (indústria e comércio) que eram apoiadores do governo militar instituído em 1964, ocasionado uma insatisfação desse setor que será canalizada para a luta parlamentar (Câmara dos Deputados e Senado) e para os executivos estaduais (governantes estaduais). Com o apoio das classes dominantes, movimento das Diretas Já! que teve seu início em 1983 ganha força e números, segundo Vanderlei Elias Nery.

---

<sup>17</sup> Vemos aqui mais uma alusão a elite erechinense, já que o Centro Esportivo e Recreativo Atlântico, era o clube em que frequentavam as autoridades e bem abastados da comunidade local.

Nery também nos coloca que no ano de 1984 o então presidente da república, João Figueiredo, aumenta a censura à imprensa, para tentar conter as manifestações da população que busca a democracia e vão as ruas, e em 10 de abril de 1984, na cidade do Rio de Janeiro, no Comício da Candelária, faz a maior manifestação pública da história brasileira até então.



Comícios movimento Diretas Já!<sup>18</sup>

Manifestações populares, e busca pelas eleições diretas pelos parlamentares, levaram o governo militar a fazer inúmeras manobras políticas para cessar o movimento, porém em 1989 é obtido o tão desejado ato democrático de votar.

Retomando a questão erechinense, com a forte retomada da censura da imprensa imposta por João Figueiredo, é 20 de setembro de 1985, temos uma

---

<sup>18</sup> Fotos: O Globo Memória

matéria que faz apologia a luta armada contra o império, e faz o requerimento ao povo, que o mesmo faça valer seu direito de brasileiro, apoiando o movimento democrático das Diretas Já!.

Com toda essa análise documentos, podemos fazer a afirmação de que o mito farroupilha, na função de tradição inventada, foi abertamente revivido pela mídia jornalista erechinense, através do Jornal Voz da Serra.

Levando em conta o período histórico, do golpe militar de 1964, é evidente a apropriação deste mito pelo governo vigente, assim também como pela mídia local, afinal não encontramos nenhuma matéria que faça crítica, ou questionamentos, sobre a conduta dos farrapos. Embora a mídia tivesse pouco foco nos indivíduos de maior destaque na revolução, ainda assim, os que foram apresentados, tinham sua índole irretocável, seu valor moral altíssimo, além de se enquadrarem no quesito herói.

Sendo assim venho a acreditar que a Revolução Farroupilha, foi sim apresentada à comunidade erechinense, como descrito nos capítulos anteriores, uma alegoria de nacionalização e exaltação de um mito, que buscou padronizar o sentimento de pertencimento e também de louvor a um passado coerente com os ideais pré-definidos, através da exaltação de batalhas poéticas, e com um panteão de heróis, que mesmo sendo de vida abastada, foram a luta por melhorias de vida a seu povo, e pelo direito de liberdade.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No final do século XVIII, o charque levou ao enriquecimento dos senhores de terra, ocasionando um agravamento nos pontos de atrito entre estes e a Coroa. O governo começou a ser pressionado por famílias enriquecidas, que clamavam por mais poder e autoridade para si. A política de redistribuição de terra de 1780 causou também grande descontentamento, porém a Coroa nada podia fazer contra os senhores de terra, que tomavam outras sesmarias menores, pois estavam dependentes destes com seu poderio militar defensor das fronteiras sulinas, sendo obrigada a fazer vista grossa aos abusos.

Juntamente com essa política acontece a crise dos saladeiros, produtores de charque, de outras regiões que começaram a disputar com o Rio Grande do Sul, o abastecimento interno brasileiro. Uma política de livre comércio mantinha esta concorrência acirrada, e os saladeiros conseguiram erguer uma exportação crescente.

Foi concedida então a isenção de direitos de importação sobre o sal de Cádiz, insumo que era fundamental para a produção do charque, e pelas Reais Ordens 10.4.1793 e 20.12.1892, estabeleceu-se a isenção dos direitos de exportação sobre as carnes salgadas.

Tais conflitos, e o constante estado de guerra, mais uma população militarizada, e o descontentamento com a constituição centralizadora imperial de 1824, somados com o ato adicional de 12 de agosto de 1834, e a conscientização de uma situação opressiva sobre a província, também como as altas taxas alfandegárias e impostos recolhidos pelo governo central, e por fim pela concorrência “autorizada” do charque argentino no mercado brasileiro levou a eclosão em 1835 da Revolução Farroupilha.

É evidente que a classe dominante, que arquitetou, e foi gestora, do movimento farroupilha, afinal o poder centralizado no punho da Coroa muito pouco tinha a ver com as diretrizes da comunidade, leia-se povo, sulino. Como base, foi a falta de poder político, e a insuficiência de buscar enriquecimento, pelas barreiras comerciais que eram fechadas pelo governo imperial, que a classe dominante, grandes estancieiros, se rebelaram, revelando mínimo ou quase nada o cunho social da Revolução Farroupilha.

Muito menos social e herói é Bento Gonçalves da Silva, foi General farrapo e Presidente da República Riograndense, mas qualificá-lo como um herói, que possui determinados valores pessoais e sociais é difícil.

Precisamos deixar claro que a Revolução Farroupilha foi o maior acontecimento historiográfico do estado do Rio Grande do Sul, e está diretamente inserida e ligada ao cotidiano, e as práticas, da sociedade atual.

Embora é de conhecimento, que até a compra de uma patente militar, assim como a tomada de terras e gado, por Bento, era atividade comum em sua vida, não podemos exonerar de benefícios alguns de seus atos, porém o termo “herói” se torna muito pesado a sua pessoa, compreendê-lo como um elemento da rede social da oligarquia, e que conforme já tido articulado com ela, que percorreu objetivos em busca de interesses próprios e de sua classe pertencente. A atribuição de status de heróis a Bento é uma tendência da historiografia oficial, de reconstruí-lo de forma idealista, o passado ideal, e a desconstrução deste idealismo também é parte da historiografia oficial, pois se é apresentado todo o conjunto de fatores que busca apresentar e deixar claro quase que o oposto de toda essa idealização. Finalizando, é possível descrever Bento Gonçalves da Silva como um herói genérico, e completamente submerso e interligado a sua classe social, a dominante conservadora.

Revolução Farroupilha, posso até marcá-la como um marco de bravura do povo sulino, porém o essencial é entendê-la como um momento histórico, no qual a província sulina teve condições de enfrentar o poder central durante dez anos, conseguindo enfim, barganhar com o poder opressivo do governo central.

Sabendo destes fatos, e coma análise historiográfica da linha do tempo da Revolução Farroupilha, agora posso afirmar, tal acontecimento, se enquadra perfeitamente nos termos do contrato de uma tradição inventada. Pois a maneira com que é apresentada atualmente, é completamente diferente da historiografia oficial, e sou levado a acreditar que grande parte da sociedade ainda desconhece as reais intenções dos revoltosos, assim como a verdadeira faceta desta luta armada.

Afinal como já visto, Hobsbawn nos coloca que é necessário um conjunto de ações, fatores, símbolos e rituais, para que haja uma invenção, é necessária a repetição deste simbolismo em busca de uma apropriação da tradição. Como simbologia legitimadora, temos os monumentos espalhados pelo estado, os C.T.G's

e o M.T.G, assim como o clímax dessa exaltação setembrina, o acampamento farroupilha.

Durante cada setembro, o fanatismo exaltado ao culto Farroupilha é evidenciado em todo estado pelos acampamentos farroupilhas, festividades nos C.T.G's e desfiles, e claro através da mídia.

A mídia é peça fundamental nessa inserção de uma tradição inventada, na cidade de Erechim, durante os anos de 1964 à 1985, período em que esteve em vigor a ditadura militar brasileira, foi órgão fomentador desta implantação do sentimento de continuidade, e de passado apropriado gaúcho, através do jornal A Voz da Serra.

Fazendo alusões à questão da epopeia farrapa e seus heróis, e ao governo vigente, é clara sua intenção de nacionalizar a população, buscando obter apoio ao governo. De muito valor tem essa atitude, ao governo ditatorial, também levando em consideração, que esta tradição foi realizada por uma classe dominante, e conservadora, e que grande parte dos apoiadores e frequentadores dos C.T.G's erexinenses são provenientes desta classe.

Acredito que mesmo sendo uma tradição inventada, não posso atestar como legítimo ou não as festividades setembrinas, porém pelo fator histórico, a introdução deste mito na sociedade já esta incorporado, e de certa forma, é legitimado pela própria comunidade, tornando-se patrimônio cultural.

Patrimônio este, que pode ser contestável, mas continua a unir a população em prol de um único passado, ligando as pessoas um pouco mais durante determinado período de tempo ao ano, e que considero como sendo meu patrimônio também.

## REFERÊNCIAS

DE CAMARGO, Odalgil Nogueira. Falando em Tradição e Folclore. Conhecimentos básicos da cultura e tradições do Rio Grande do Sul. **Gráfica e Editora Berthier**, 2000

GOLIN, Tau. Bento Gonçalves, o herói ladrão. **Santa Maria-RS: Editora LGR ARTES GRÁFICAS**, 1983.

HOBBSAWM, Eric. 1. Introdução: A Invenção das Tradições. **A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra**, 1997

PADOIN, Maria Medianeira. A Revolução Farroupilha. **BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau.(coords) Império. Passo Fundo: Méritos**, v. 2, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A Revolução Farroupilha. **Editora Brasiliense**, 1985

DATA FARROUPILA. **Jornal A Voz da Serra**. Erechim, sp, 20 set. 1964.

EPOPÉIA FARROUPILHA. **Jornal A Voz da Serra**. Erechim, sp, 19 set. 1965.

ANITA GARIBALDI. **Jornal A Voz da Serra**. Erechim, sp, 19 set. 1965.

REVOLUÇÃO FARROUPILHA. **Jornal A Voz da Serra**. Erechim, sp, 21 set.1969.

DATA FARROUPILA ASSINALADA NO LEGISLATIVO. **Jornal A Voz da Serra**, sp, 21 set.1972.

BARP ENFATIZA A BRAVURA DOS FARROUPILHAS. **Jornal A Voz da Serra**, sp, 22 set.1983.

### **Monumento Paz Farroupilha**

Disponível em <<http://bardoceara.blogspot.com.br/2011/06/dom-pedrito-capital-da-paz.html>>. Acesso em: 08 jul. 2014.

Disponível em <[http://jn.canabarro.zip.net/arch2012-05-06\\_2012-05-12.html](http://jn.canabarro.zip.net/arch2012-05-06_2012-05-12.html)>. Acesso em: 08 jul. 2014.

### **Monumento Tumulo de Bento Gonçalves:**

Disponível em <<http://institutoanita.blogspot.com.br/2010/07/homenagem-ao-general-bento-goncalves.html>>. Acesso em: 08 jul. 2014.

Disponível em <<http://www.panoramio.com/photo/65032003>>. Acesso em: 08 jul. 2014.

Disponível em <<http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos/detalhes+182be,,monumento-ao-tumulo-de-bento-goncalves.html>>. Acesso em: 08 jul. 2014.

### **Imagens Diretas Já!**

Disponível em <<http://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/diretas-nos-palanques-no-congresso-9607326>> Acesso em: 08 out. 2014

## REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História**, v. 24, n. 47, p. 29-60, 2004

NERY, Vanderlei Elias. Diretas Já: a busca pela democracia e seus limites. **Lutas Sociais**, n. 24, p. 70-77, 2010.

CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. **São Paulo: Companhia das Letras**, 1990

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988**. Boitempo Editorial, 2004.

GUARNIERI, Dayane Cristina; RAMIREZ, Hernan Ramiro. O PRELÚDIO DO GOLPE CIVIL E MILITAR NO BRASIL. Disponível em:  
<[http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/emas/o\\_preludio\\_do\\_golpe\\_civil\\_e\\_militar\\_no\\_brasil.pdf](http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/emas/o_preludio_do_golpe_civil_e_militar_no_brasil.pdf)> Acesso em: 12 ago. 2014.